

GÊNESE E DOAÇÃO NA CLÍNICA*

Rogério da Costa
Paulo Cesar Lopes

A doação é um conceito cristão, a gênese é um conceito nômade.

Máquinas, indústrias, automóveis, telefones, computadores, asma, fax, neuroses, inflação, corrupção, mídia, aids, trânsito, tráfego, tráfico, jurídico, mercadorias, negócios, juros, financeiro, moléculas, índios, televisão, cinema, arte, favela, violências, massacres, extermínios, poesia, membrana, musicalidade, festas, dores, genética, intrigas, amores, sexo, livros, prostituição, palavras, signos, cores, nomes, afetos, paixões, delírios, realidades virtuais etc.

Subjetividade/multiplicidade/osmose/heterogênese/devires/espaço fractal/singularidade/consistência/política/corporificações/gêneses/conexões/rede/rizoma/ecologia do espírito/processos de multiplicação dos eus/encefalação/emergência.

O ambiente acima é um hipertexto, uma nascente heterogenética. A heterogênese é o jorro das conexões, das interfaces, do hipertexto, desse universo de mesclas.

Tudo *isso* é um estofo, uma matéria. Se há alguma coisa a ser tratada, ela tem diretamente a ver com *isso*.

Como pensar uma clínica hoje?

Incluir esse ambiente em todos os campos de tratamento da subjetividade, trazer para esses campos todos os movimentos da realidade, da produção real de subjetividade, não seria isso que precisaria ser feito?

Parece normal que as práticas atuais de tratamento da subjetividade tenham uma pretensão cientificista, na medida em que uma ciência destaca seu objeto de um fluxo de realidade e o compreende segundo um certo rol de variantes. Contudo, para analisar um tal objeto, no caso a subjetividade humana, essas práticas podem recorrer a modalidades categoriais (psicopatológicas) muito distantes da compreensão dos processos de subjetivação, de efetuação da realidade. Quando isso

*A entrevista de Rogério da Costa, concedida a Paulo Cesar Lopes, acabou resultando no presente texto, no qual entrevistador e entrevistado sintetizam suas idéias a respeito da prática clínica.

acontece, elas respondem à demanda de seres que esperam que algo seja *dado* como referência de valor, como referência de autoposicionamento existencial. E, no entanto, o fundamental é sempre a construção da existência, o construtivismo da existência: esse a nosso ver seria o problema alvo de uma análise. Para tanto ela precisaria efetivamente trabalhar a subjetividade num outro plano, a fim de desprender as amarras que implicam esta dupla captura: uma captura *dada* por algum *outro* e também uma captura *desejada*.

É importante lembrar que essa captura *desejada* nada mais é que o eterno jogo da produção de uma necessidade, de instauração de uma demanda. No caso da clínica, podemos pensar que, por um lado, teríamos o *desejo* do analista investido num certo plano de categorias que lhe assegurariam um lugar, um movimento; por outro lado, teríamos o *desejo* do analisando que investiria um suposto saber do analista. É difícil, porque essa dupla captura instala um plano de necessidade, uma cadeia de demandas e, com isso, acaba-se por esquecer que só há gênese, emergência, encarnações singulares onde se processa a existência. Ela não pode ser *dada* por nenhum outro, é o *seu* ovo que deve ser fecundado e as suas conexões é que vão determinar isso, as suas redes.

Como pensar a heterogênese numa clínica? É preciso antes de tudo dis-

tinguir o condicionante, o transcendental, o atemporal da gênese. É a idéia de uma gênese que vai se desdobrar em todos os operadores desse ambiente hipertextual. Lembra-se do espaço fractal? Um espaço fractal numa clínica, por exemplo, onde é que ela é fractal?

Ela é fractal no ambiente, ou seja, a ecologia do espírito está lá presente. A cada momento numa situação clínica, em cada caso clínico estaremos diante de um movimento, de uma dobra, da encarnação de um personagem, de um dos *eus* larvares, ou mais de um ao mesmo tempo. Isso é que vai produzir a distinção, a singularidade, talvez por isso possa-se dizer 'este' caso. Esses pequenos *eu* larvares, em suas dobras fractais constroem uma curva psíquica que não pode ser compreendida por meio de um modelo externo, mas sim a partir de todas essas microconstruções que efetivamente a compõem.

A psicanálise com pretensão científica deve necessariamente perder essa dimensão fractal toda vez que rebate essas dobras segundo um único parâmetro universal. A crítica fundamentalmente se calca nisso, ou seja, na criação de universais. Toma-se esses 'n' *eus* que efetuam essas dobras aparentemente indiscerníveis e diz-se: a subjetividade funciona 'assim'. Constrói-se então um eixo, um pilar que sustenta todo um sistema baseado nessa apreensão, é um recorte que se faz. Só que um recorte reducionista que, no fundo, ainda reitera essa

mesma demanda de *doação* cristã que está em jogo. O desejo de cientificismo é isso, a encarnação disso.

Se o nosso problema aqui é clínica, estamos pressupondo uma subjetividade que é passível de ser tratada, há o que ser feito ali, há como intervir nessa subjetividade para romper com esse cordão umbilical que é a *doação* divina. Ora, a *doação* divina pode ser entendida aqui em muitos sentidos: *doação* que é transcendente ou transcendental, *doação* do dado, da forma, do bom senso e do senso comum. No caso da clínica nos confrontamos com toda uma série de categorias psicopatológicas, estruturas, esquemas etc. Essas categorias são um pouco como aquelas do entendimento kantiano. O analista, neste caso, aplicaria tais categorias psicopatológicas em seu exercício, ou seja, elas seriam o condicionante a partir do qual ele apreenderia o universo psíquico do analisando. E no entanto o que tem que acontecer é uma reversão, uma possibilidade de engajamento com o ambiente heterogênico. Poder-se-ia objetar aqui que estaríamos diante de mais uma categoria. Contudo, não se trata disso. Trata-se de idéias problemas, idéias problemáticas, a multiplicidade não sendo uma categoria, pois enquanto ela não for encenada, dramatizada, encarnada, ela não é nada. Ela não se apresenta como um universal. Heterogênese, osmose, singularidade, nada disso é dado, isso é virtual e tem que ser encarnado, com valor de refe-

rência estrito, localizado. Tem que atualizar, é o fundamental nesses operadores.

Numa clínica, como pensamos isso? O importante é que se produza desamarras todo o tempo, mas sem cair no negativo, sem afundar, sempre na linha da posituação da existência. O que significa romper com a representação? Não querer *doação*, querer produzir sua própria subjetividade, construir sua própria existência, inventá-la sempre. Não há dado no plano da existência, deve-se sempre questioná-la, problematizá-la todo o tempo, viver as mínimas situações sensíveis, poder ser afetado, investir e valorar seus afetos. Contudo, usualmente, não querer *doação* é entendido como desejar a morte ou querer a desordem, pois nesse momento se estaria fora do bom sentido, onde só haveria morte, caos como morte. Entretanto, verificamos hoje que é perfeitamente possível pensar a emergência como gênese, emergência sem *doação*. De um protoplasma, de uma célula, passando pelo político, pelo social até o cosmológico, pode-se constatar que tudo é possível num sistema de auto-produção, num sistema heterogênico sem transcendência, sem condicionantes do afeto, sem *doação*, ou seja, constatar que todas essas dimensões da existência podem se auto-organizar. O problema é pensar a conquista de um plano de consistência que não demande um dado que traga a segurança, a ilusão de seguridade. Caso

contrário, não estaríamos inventando novas modalidades de sintomas?

A idéia da pedagogia é importante. Há um trabalho que é o exercício, uma pedagogia da experimentação, sua valoração. Isso porque encenação, fabulação, delírio têm uma positividade que é absolutamente desprezada no plano da doação. O cinema de Godard, segundo Deleuze, é uma pedagogia da percepção, porque rompe com a expectativa dos mecanismos sensorio-motores. Na verdade podemos falar de pedagogia em vários outros planos, a literatura é também uma pedagogia do entendimento, da inteligência e também dos afetos. A arte é pedagogia, a ciência hoje é pedagogia, assim como a informática, pois ela está forçando o pensamento a entrar em confronto com planos até então inéditos. Por que a clínica não seria uma pedagogia? E neste caso, que espécie de pedagogia a clínica poderia ser? Por outro lado, como você pode pensar isso com relação ao ideal de neutralidade do analista na psicanálise, por exemplo? Na verdade, há sim uma pedagogia na clínica, mas uma pedagogia na qual o analista pode não estar querendo arriscar: neste caso, sua própria subjetividade parece já estar engajada, capturada por toda uma rede que ele não quer colocar em jogo, em questão. É preciso sempre lembrar que estamos falando de um campo de experimentação, laboratório de subjetividade, de coisas vitais. Nesse sentido seria preciso repensar operadores con-

ceituais da psicanálise como transferência/contratransferência etc.

Intervenção. Não podemos imaginar uma intervenção que não pressuponha a figura do analista como mais um ator desse espaço fractal, absolutamente encarnado nesse plano de multiplicidade, de heterogênesse. Há um exemplo do Nietzsche em que ele encontra uma menina que acaba de sair da igreja e lhe pergunta se ele acredita em Deus. Ele responde que sim. A nosso ver é essa percepção que imaginamos para uma analista heterogênico, poder entender que está diante de alguém cuja subjetividade é modulada constantemente pela máquina da mídia, do capital etc., que lhe impõem mil demandas. Ele precisa saber lidar com isso. Isso é também uma construção. Também se constrói permanentemente um 'analista'. Não existe 'O' Analista, 'O' Terapeuta, existe sim um *agenciamento analítico*, é preciso que se escape do 'O'. O único contrato possível no 'tratamento' da subjetividade seria um contrato de *agenciamento analítico*, pois isso já traz a implicação do ambiente heterogênico fractal. Esse seria um contrato aberto, que implicaria a produção da subjetividade de cada um desde sempre a cada encontro.

Lembremos que o condicionante ou transcendental em Kant deveria garantir a constituição do objeto. Esse objeto apareceria enquanto fenômeno delimitado pelo condicionante ou campo transcendental. Agora, se se diz

que o
mo u
que e
arrast
passa
versos
na rel
os un
tervir
da sul
sibilid
ção d
titui c
real, i

que o objeto é sujeito e funciona como *universo atrator*, na verdade é ele que está conduzindo, é ele que está arrastando. Ora, uma intervenção não passaria por aí? A conexão com *universos atratores*, o analista perceber na relação com o analisando quais são os *universos atratores* que podem intervir em determinadas linhas, fendas da subjetividade. Não se trata de sensibilidade, mas antes da experimentação daquilo que no encontro se constitui como elemento atrator conectivo, real, disparador na subjetividade do

analisando. Esse atrator deve ter a força de promover a ruptura das amarras, força de abrir para a construção de novos movimentos neste ambiente heterogêneo. Finalmente, é no 'fora' que tudo vai se passar.

Rogério da Costa é mestre em filosofia pela USP e doutorando em filosofia pela Université Paris X, Nanterre.

Paulo Cesar Lopes é psicanalista, mestrando do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

D

O m

O hon
tes, ut
da, qu
vantag
que ne
vel, de
pulaçã
lisa, re
do que
é idênt
abanda
das can
relativo
sário

*Psicoter
Pós-Grad
cologia cl
de um ter
coterapia